

## Esboço de uma Ontologia do Sujeito na Ciência da Lógica de Hegel

*Alexandre S Barbosa*<sup>1</sup>

Na abertura da sua Filosofia do Espírito, Hegel apresenta o imperativo “conhece-te a ti mesmo” como a grande tarefa da filosofia, e que se alinha ao “penso, logo sou” de Descartes. Numa outra perspectiva, Nietzsche afirma que a tarefa do filósofo é “tornar-se o que se é”, e estabelece uma condição: “não saber o que se é”. Quais seriam as possibilidades de produção filosófica para um estatuto do sujeito que teria o desconhecimento de si como pressuposto? Estaria tal proposta alinhada com a ausência de pressupostos para o início da dialética como proposta por Hegel? O presente trabalho tem como objetivo identificar elementos para o esboço de um estatuto do sujeito nos três livros da Ciência da Lógica de Hegel, e articular esses elementos com a elaboração sobre o sujeito nas ciências particulares.

### 1. A Doutrina do Ser

#### 1.1 Uma topologia para o ser determinado

Em “Determinação, constituição e limite”, Hegel introduz elementos topológicos na descrição da estrutura e dialética da progressão do ser determinado diante de seu outro, ao descrever os

---

<sup>1</sup> Doutor em Medicina/UFMG; Pós-doutor em Filosofia/UFMG; do Grupo Hegel UFMG. E-mail: alexandre.ofthalm@gmail.com

espaços topológicos que serão determinantes nos momentos da essência e do conceito. Hegel propõe transformações estruturais do ser determinado a partir da sua relação com o outro, que culminam numa primeira clivagem do ser e no estabelecimento de dois domínios distintos, um central e um periférico, respectivamente um domínio de autodeterminação e um domínio de relação e mediação com a exterioridade. Hegel nomeia esses domínios como determinação (*Bestimmung*) e constituição (*Beschaffenheit*).

Hegel concebe a constituição como superfície inconstante do ser determinado, “aquilo que se torna um outro”, portanto, o lugar da alteridade no ser (HEGEL, 2016, p. 128-130). A determinação do ser constitui seu dever (*Sollen*) em cumprir seu destino, e impõe restrições à constituição na incorporação do outro no preenchimento do ser (TABAK, 2017, p. 61-62). O ser determinado faz o preenchimento de si e realiza sua determinação no contato com o outro (TABAK, 2017, p. 61-67). A determinação, lugar da produção de si e da produção do outro dentro de si, se mantém estável na incorporação do outro, embora contenha as marcas do outro incorporado na constituição (HOULGATE, 2016, p. 219-225). A modificação (*Änderung*) do ser pelo outro indica mais que uma mudança de determinações estruturais, mas um “tornar-se outro”.

Os sistemas biológicos demonstram ser a determinação o local de produção imanente de alteridade não apenas no interior do ser determinado, mas no centro de sua estrutura (VARELA & COUTINHO, 1991, p. 161-166). Essa alteridade constitui elementos distintos dos marcadores da singularidade que permeiam a estrutura do ser determinado, denominados na literatura biológica de imagens internas. Como região de instabilidade, a constituição apresenta superfícies de interação com a alteridade do espaço externo e com essa alteridade continuamente emergente na determinação. O movimento da determinação para constituição define as restrições da incorporação do outro externo pela constituição, enquanto o movimento da constituição para a determinação conduz o outro externo incorporado por restrições

impostas pela determinação, por semelhança com suas imagens internas preexistentes (BARBOSA, 2017, p. 59-78). Hegel afirma que “[...] a determinação [...] passa para a constituição e essa para aquela. (HEGEL, 2016, p. 129). A alteridade percorre os dois sentidos: a partir do próprio se produz o outro na determinação, e a partir do outro se extrai o próprio na constituição. A interpenetração desses domínios numa região de suprassunção implica numa determinação constituinte e numa constituição determinante, a produção do outro a partir do ser e a produção do próprio ser a partir do outro (BARBOSA, 2017, p. 59-78).

Nessa ontologia dos sistemas biológicos, é pelo contato com o outro que ocorre a ativação de uma certa configuração de imagens internas, que se superficializam na estrutura da rede como domínio de relação com o outro. O desenvolvimento do domínio periférico da constituição implica em seu afastamento do domínio central da determinação, numa primeira clivagem da estrutura do ser (BARBOSA, 2017, p. 59-78). Nos sistemas biológicos, a constituição é lugar primário do outro dentro do ser, e do trabalho do ser na engenharia da alteridade. A medida em que a constituição se diferencia, pela emergência de novas determinações no próprio ser e pela incorporação do outro, ela adquire espessura. A constituição realiza o trabalho sobre esse outro, como um texto fragmentado e reeditado. Ao final desse processo, se constitui um outro do outro, o outro transformado em outro semelhante ao ser. Por meio desse trabalho sobre o outro, a alteridade é transformada em semelhança. A demonstração da função essencialmente estrutural das imagens internas constitui o fundamento da topologia da rede, como fundamento da produção de alteridade na própria estrutura do sistema, assim como a incorporação da alteridade como produção de um outro semelhante a si (BARBOSA, 2017, p. 59-78)

Os componentes não ancorados ao sistema são definitivamente perdidos, enquanto aqueles incorporados deixam na rede marcas definitivas de sua presença. Enquanto novos componentes são incorporados à rede, a estrutura da rede mantém sua estabilidade

dentro de certos limites. O fundamento da estabilidade da rede é o balanço entre a produção de alteridade e a restrição de incorporação dessa alteridade emergente por meio da ancoragem dos novos componentes do sistema às imagens internas preexistentes. (VARELA & COUTINHO, 1991, p. 161-166). A estabilidade da rede pressupõe mudanças estruturais e modos de vibração que preservam a topologia da rede dentro de certos limites, caracterizando uma metaestabilidade.

O outro, tanto o externo quanto o produzido dentro da estrutura do sujeito, é incorporado mediante o estabelecimento de pontos de ancoragem na rede. Portanto, o outro não pode ser apenas totalmente outro, não pode ser um outro absoluto. Na sua alteridade, regiões em sua estrutura necessitam corresponder às imagens internas preexistentes na rede (BARBOSA, 2017, p. 59-78). Portanto, o reconhecimento do estranho é pressuposto para sua incorporação. Por meio do efeito *unheimlich*, (FREUD, 2010b, p. 350-356), a alteridade emerge da semelhança.

Os sistemas biológicos demonstram que as estruturas centrais que compõem a determinação fabricam imagens internas distintas daquelas existentes no sistema, portanto, produzem alteridade e um espaço de exterioridade dentro do próprio sistema. Essa alteridade também é incorporada à estrutura do ser pelas mesmas restrições à incorporação do outro externo: a simetria especular (BARBOSA, 2017, p. 59-78). Portanto, a alteridade percorre os dois sentidos, a partir do próprio se fabrica o outro, e a partir do outro se extrai o próprio. O trabalho sobre o outro incorporado na constituição implica numa extração de semelhança a partir da alteridade, a produção do próprio a partir do outro. O pressuposto para o reconhecimento do outro é o pareamento de imagens interna em simetria especular.

## **1.2 A produção da forma e a estrutura do sistema biológico**

A identidade biológica constitui a singularidade do sujeito, como assinatura presente em cada uma de suas estruturas e que o faz distinto de qualquer outro (BARBOSA, 2017, p. 59-78).

Determinantes biológicos constituem a base da singularidade dessa assinatura do sujeito, e que determinam o processo de diferenciação das estruturas anatômicas do sujeito, já nas etapas mais precoces da embriogênese. As interações celulares que se produzem na estrutura do embrião induzem a expressão de grupos de determinantes de superfície que, num processo de relação recíproca, produzem diferenciação celular, numa sequência de momentos necessários e sequencialmente determinantes. A diferenciação das linhagens celulares na embriogênese ocorrem a partir do contato daqueles marcadores de superfície celular, segundo uma morfologia estabelecida a priori. Nesse processo de diferenciação tecidual, a noção de limite se refere ao conflito de determinações de diferenciação celular, com seus limites imanentes, em que cada linhagem apresenta um dever (*Sollen*) para uma estrutura de forma altamente conservada, uma “memória da forma” (VARELA & COUTINHO, 1991, p. 161-166).

Cada linhagem celular tem uma forma de diferenciação e um destino que se fundamentam na relação recíproca com outras linhagens. Metchnikoff foi pioneiro no estudo da diferenciação celular no processo de organogênese, induzida por essas relações recíprocas de reconhecimento com base imunológica. Em 1909, Metchnikoff demonstrou que determinadas células têm como função o reconhecimento e a incorporação de linhagens celulares marcadas pela presença de determinantes de diferenciação em sua superfície, e que são incorporadas e eliminadas no processo de remodelamento das estruturas teciduais. Esses processos imunológicos constituem o fundamento da autoprodução da forma na embriogênese (BARBOSA, 2017. p. 59-78). Determinada linhagem tem o outro dentro do próprio ser, compartilhando consigo a mesma assinatura biológica, embora expressando determinantes de diferenciação distintos em sua superfície.

Entre o ser determinado e o outro externo se estabelece um limite (*Grenze*), como superfície de demarcação de espaços distintos na diferenciação tecidual na embriogênese. Hegel concebe o limite

do ser frente ao outro como o não ser para o outro e a negação desse outro, espaço de conflito e contradição dos momentos do ser e do outro, e espaço de possibilidade desses momentos. (HEGEL, 2016, p. 131-133). O limite é função recíproca dos movimentos do ser e do outro como campo de conflito, que indica a possibilidade de alcance do ser determinado por outro ser determinado, o próprio espaço de devir do ser.

Distinta do limite, Hegel apresenta uma das perspectivas da noção de barreira (*Schranke*) como superfície de delimitação do espaço de exterioridade no interior do ser, em continuidade com o espaço externo que o envolve, delimitando o espaço do outro dentro do ser (HEGEL, 2016, p. 136-138). Como na imagem topográfica do *torus*, a barreira constitui a superfície interna diferenciada de intermediação entre a estrutura do ser e esse espaço externo interiorizado. A partir dessa superfície diferenciada se estabelece uma constituição topograficamente distinta, com possibilidades privilegiadas de inscrição e incorporação do outro (BARBOSA, 2017, p. 59-78).

## 2. Essência

### 2.1 Autoprodução da forma e superfícies reflexivas

O desenvolvimento do ser determinado se complexifica na produção da essência como momento de mediação por reflexão, que nega e mantém as determinações do ser. Aqui a mediação é o efeito físico da transformação topográfica das imagens da estrutura do ser produzidas pela superfície opaca como superfície de reflexão. A reflexão especular como evento óptico introduz complexidade topológica ao desenvolvimento dialético, por produzir duplicação, em simetria especular, das figuras internas do ser. O sistema constituído pelas superfícies de reflexão possibilita efeitos de síntese de figuras incidentes em registros distintos, e o estabelecimento de circuitos ópticos lineares ou circulares. A conformação desses

sistemas define a subsistência das figuras produzidas em seu interior (BARBOSA, 2018, p. 31-40).

A formação da imagem de um objeto real a partir do espelho plano constitui o modelo mais simples da produção da figura imaginária por reflexão especular. A imagem produzida nesse espelho se forma por uma construção geométrica atrás da superfície reflexiva. Essa produção é imaginária por ser formada na convergência dos prolongamentos dos segmentos de reta incidentes na superfície reflexiva. A imagem produzida é distinta do objeto real, embora corresponda a ela topologicamente, numa correspondência ponto a ponto. Portanto, a própria reflexão introduz alteridade no sistema produzindo uma figura imaginária semelhante ao objeto real, embora distinta deste, segundo as determinações da transformação do objeto por simetria especular. Uma das implicações da mediação por reflexão especular é a introdução de figuras imaginárias no movimento dialético.

Sistemas ópticos formados por superfícies especulares ordenadas (segundo orientação linear ou circular) não fazem distinção entre as imagens formadas pelos objetos reais e figuras imaginárias produzidas no movimento reflexivo. Ambas percorrem as superfícies reflexivas, produzindo uma sobreposição dessas figuras, numa síntese dos registros do real e do imaginário. Esses eventos de síntese ocorrem segundo as determinações de reflexão, como alinhamento das superfícies reflexivas e seu grau de opacidade. Aqui nos interessa a reflexão nas superfícies que emergem a partir das determinações de forma, como relação de fundamento e aparecimento que constituem momentos da identidade do ser determinado (BARBOSA, 2018, p. 31-40).

A circularidade dos sistemas ópticos estabiliza determinadas figuras, que subsistam na progressão do movimento reflexivo (BARBOSA, 2018, p. 31-40). Outras figuras, entretanto, são evanescentes e logo desaparecem, ou mesmo não se formam, pelas restrições estruturais impostas pelo sistema. Os determinantes da reflexão nesses sistemas ópticos permite que as figuras produzidas

sejam constituídas por imagens reais, imaginárias ou imagens formadas nos eventos de síntese.

O movimento reflexivo, estabelecido pelos determinantes singulares de reflexão, constitui a própria identidade como fundamento (HEGEL, 2017, p. 61-63). Essa identidade pressupõe a diferença de si, dissoluções e reconstituições necessárias, vinculadas ao processo de autoprodução da forma diante de um outro contingente. O reconhecimento das figuras de identidade refletidas no outro evanescente reconsolida a identidade na progressão do movimento reflexivo (HEGEL, 2017, p. 61). A identidade ultrapassa a si mesma e se dissolve, como no evento óptico do espalhamento (*Streuung*) que ocorre no movimento de reflexão em direção ao outro e retorno ao ser (HEGEL, 2017, p. 60). A mediação pela reflexão, conforme proposta por Hegel, implica numa identidade que não é capturada nas suas imagens, que não se fixa nas suas figuras contingentes. A identidade é construída e desconstruída no movimento reflexivo, distinta, consolidada por suas figuras singulares.

No automovimento reflexivo na essência, esta se estratifica e se diferencia em fundamento como domínio diferenciado de reflexão, por meio do aprofundamento e consolidação das determinações de reflexão (HEGEL, 2017, p. 93) estabilizadas pelas reflexões internas da essência (Hegel, 2017, p. 97). O movimento reflexivo no fundamento suprassume a identidade e movimenta a autoprodução da essência. Hegel enfatiza as transformações topológicas introduzidas pelo fundamento, quando afirma que, por meio do fundamento, a essência adquire memória da forma e consistência (HEGEL, 2017, p. 97). As determinações de reflexão do fundamento emergem como determinações estabilizadas de forma (HEGEL, 2017, p. 93 e 97).

As determinações de reflexão do fundamento como determinações de forma, e a autoprodução reflexiva do fundamento como desenvolvimento da forma (HEGEL, 2017, p. 98) são nomeadas por Hegel relação de fundamento. Portanto, a

autoprodução reflexiva da relação de fundamento define os momentos da forma (HEGEL, 2017, p. 98). A integração dos determinantes da forma na totalidade da estrutura define a totalidade do movimento reflexivo que emerge da essência e com isso a emergência de uma topologia como aparecimento (BARBOSA, 2018, p. 31-40). A emergência de uma topologia como momento do aparecimento da forma (HEGEL, 2017, p. 99) corresponde ao aparecimento da essência na relação de fundamento. A autoprodução da forma pressupõe a identidade, aqui tomada como a própria emergência de uma topologia singular. A emergência da singularidade topológica complexifica a questão da identidade. A memória da forma é efeito de transformações topológicas em sua própria estrutura, por ação recíproca de seus componentes, o que determina o automovimento a metaestabilidade do sistema.

A relação de fundamento é efeito das determinações da forma sobre a forma, de progressão e autoprodução da forma (HEGEL, 2017, p. 107). A essencialidade da forma, a mediação na forma se realiza primariamente na relação de fundamento (HEGEL, 2017, p. 107). A autoprodução da forma produz conteúdo num movimento de interiorização e preenchimento de espaços, em que as determinações da forma incidem e são incorporadas no conteúdo (HEGEL, 2017, p. 102). O fundamento constitui a identidade entre forma e conteúdo, e bascula entre esses dois momentos (BARBOSA, 2018, p. 31-40).

O fundamento se exterioriza no aparecimento como momento da essência, que emerge de seu fundamento e passa para a existência (HEGEL, 2017, p. 155). O aparecimento é a essência em sua existência, em sua imediatidade exteriorizada (HEGEL, 2017, p. 155). A essencialidade da existência se exterioriza no aparecimento. Portanto o aparecimento é imediatidade exteriorizada e essencialidade refletida (HEGEL, 2017, p. 155). O aparecimento estabelece uma instância de mediação distinta do domínio original da essência, (uma essencialidade fora da essência), o que complexifica ainda mais a estrutura do sistema, que passa então a

apresentar uma estrutura multinivelada de mediação fora da essência. Na dialética da produção do fundamento, os objetos contingentes são necessários como superfícies reflexivas evanescentes.

## 2.2 Percepção, representação e memória

A complexificação da estrutura do ser implica no estabelecimento de uma barreira como superfície diferenciada de interação e de uma constituição como domínio diferenciado de incorporação da alteridade a partir dessa superfície. Na ontologia do ser, essas estruturas diferenciadas constituem o substrato para a percepção, representação e memória e definem as especificidades do sistema neuronal. Um dos primeiros autores a propor o funcionamento desse sistema foi Freud, no “Projeto para uma psicologia científica”, em 1895 (FREUD, 2010c, p. 335-400). A diferenciação de um sistema neural, conforme apresentada no Projeto, constitui uma primeira topologia do aparelho psíquico. Embora o texto tenha como maior referência o substrato biológico, as implicações de sua topologia ultrapassam esse substrato. No Projeto, Freud propõe um modelo para o funcionamento do sistema neuronal, e estabelece dois tipos de neurônios, os permeáveis e os impermeáveis.

Os neurônios permeáveis fazem uma ligação (*Bindung*) fraca e uma ocupação (*Besetzung*) instável com o material representado, que percorre esses neurônios não deixam traços. Os neurônios impermeáveis são responsáveis pela inscrição sensorial, que Freud vai classificar como sistema  $\phi$  (*fī*). As barreiras de contato do sistema  $\phi$  permanecem inalteradas com a passagem das inscrições, o que permite que cada inscrição seja realizada sem os traços das inscrições (*Niederschriften*) anteriores. As representações do objeto se fazem a partir das inscrições realizadas no sistema  $\phi$ . As restrições na inscrição são definitivas em cada momento, de forma

que os traços não inscritos da experiência são definitivamente perdidos e nunca representados.

Os neurônios impermeáveis apresentam uma ligação forte e uma ocupação estável, e suas representações modificam a estabilidade de novas ocupações. Esses neurônios são os responsáveis representação e produção de memória no sistema  $\psi$  (*psi*). Freud descreve dois domínios no sistema  $\psi$ , um central (excitações endógenas) e um periférico conectados ao sistema  $\phi$ . Os neurônios  $\psi$  inseridos os tecidos recebem as excitações produzidas no seu interior e que penetram no sistema, e introduzem o elemento pulsional (*Triebereiz*) no sistema. As excitações internas em  $\psi$  compõem o sistema pulsional que alimentam o sistema  $\psi$  (*Triebfeder*). Os neurônios  $\psi$  conectados ao sistema  $\phi$  recebem as inscrições dos objetos externos, com as restrições impostas no próprio sistema  $\phi$ . As representações formadas no sistema  $\psi$  não se restringem às inscrições no sistema  $\phi$ .

O destino das representações é determinado pela produção de trilhamento (*Bahnung*), como o estabelecimento de circuitos privilegiados; lineares ou circulares, estratificados e sobredeterminados. A cada novo trilhamento é verificada uma modificação de toda a rede. A produção de circuitos circulares confere uma estabilização de determinadas configurações, e a fixação de suas representações. No sistema  $\psi$  a configuração das representações que constituem a memória é sempre reorganizada a cada nova representação, que, por meio de nova disposição de barreiras de contato entre os neurônios  $\psi$ , produzem novos trilhamentos.

O eu constitui o núcleo do sistema  $\psi$ , conferindo estabilidade à estrutura das representações e memória. As figuras imaginárias relacionadas à função do eu impõem restrições às possibilidades de incorporação de novas representações, e o que é produzido é uma memória autorreferenciada ao eu e sempre igual a si, uma memória da memória, mas cada vez mais distante da cena real.

O sistema  $\psi$  não faz distinção entre os objetos reais da percepção e as figuras imaginárias no seu interior. A disposição dos trilhamentos no sistema  $\psi$  e os elementos pulsionais vinculados às imagens constituídas a partir do sistema  $\phi$  favorecem a emergência de representações dissociadas dos objetos reais, como formações alucinatórias. O objeto real pode ser substituído pela sua representação. O compromisso com a rede pulsional prevalece à exigência da realidade.

Freud utilizou em alguns trabalhos os sistemas ópticos como modelo para o sistema de percepção, representação e memória, e enfatizou a produção de figuras imaginárias desconectadas dos objetos reais. Freud discute a produção de realidade no sistema, e apresenta esse sistema como compromissado na produção de suas próprias figuras internas que lhe conferem identidade, mesmo com preço da produção de miragens. Na supressão da percepção, as figuras do sistema  $\psi$  se projetam em  $\phi$ , conferindo caráter alucinatório a essas percepções em  $\phi$  produzidas a partir das formações de  $\psi$ . A percepção a partir dos objetos reais é a cada momento modulada pelas formações de  $\psi$ , como efeitos de síntese entre ambos os sistemas,

### **3. Doutrina do Conceito**

#### **3.1 Sujeito, conceito, clivagem.**

As determinações do ser e da essência são pressupostos do conceito, que na sua autorrelação infinita produz singularidade (HEGEL, 2018, p. 249). O objeto do conceito é o próprio conceito (HEGEL, 2018, p. 261), e pressupõe a diferenciação e a clivagem dentro de si (HEGEL, 2018, p. 265). A clivagem é um momento decisivo no desenvolvimento do conceito, a ponto de Hegel afirmar que “o conceito é algo que compete uma clivagem”. A clivagem, como evento de estrutura definidora do conceito, revela a as linhas

de fratura da produção de forma, e os efeitos concretos de aposição de superfícies sobre superfícies, que se constituem como mosaicos.

O que define o sujeito como conceito é sua relação negativa consigo mesmo, e seu retorno para dentro de si. O sujeito é conceito em progressão, singularidade como unidade negativa que se contrapõe ao objeto. Por se configurar dentro de si, em tensão com suas figuras iniciais pressupostas, o sujeito se coloca como tal, frente a um mundo real também pressuposto (HEGEL, 2018, p. 254). Para o sujeito, o objeto constitui exterioridade e alteridade, e sua relação com o mundo constitui a relação de objeto. O sujeito é conceito que realiza seu impulso de supressão e interiorização do objeto. A autodeterminação do sujeito tem a forma da sua exterioridade objetiva. Esse é o ponto onde Hegel localiza a clivagem do sujeito. Ao estabelecer a clivagem como momento do conceito, Hegel apresenta a clivagem do sujeito.

O impulso do sujeito na supressão da exterioridade tem a forma do objeto. Essa é a contradição absoluta imposta ao sujeito, cindido na sua desigualdade absoluta de si. A cisão é a própria identidade do sujeito, (identidade absoluta) e a dor é a marca dessa contradição (HEGEL, 2018, p. 255). A dor revela a contradição absoluta do sujeito, nessa sua clivagem dentro de si, a partir da qual emerge a falta como sintoma do carecimento. O momento da falta é aquele no qual o sujeito, como negação de si, torna-se identidade para si, identidade como negação dessa negação, identidade no impulso, na certeza subjetiva de si (ilusão objetiva de si), segundo a qual o sujeito se relaciona com o objeto (HEGEL, 2018, p. 255).

O sujeito, na experiência do *Nebenmensch*, sempre atualizada, busca a si no objeto. O movimento do sujeito em direção ao objeto contingente é determinado por essa busca de si, e não pela busca de um objeto perdido pressuposto. O objeto penetra no sujeito como assim pudesse preencher, no sujeito, a imagem negativa de um objeto absoluto. Mas esse objeto contingente, tomado como necessário, não preenche essa imagem negativa. O objeto encontrado e assimilado não coincide com esse vazio absoluto do/no

sujeito, mas a algum traço particular do sujeito em sua relação externa (HEGEL, 2018, p. 256). O sujeito suprime, destrói o objeto quando dele se apropria e o assimila (HEGEL, 2018, p. 256). A assimilação do objeto alimenta o processo de reprodução (*Reproduktion*) do sujeito, no qual o sujeito se faz idêntico a si por meio da supressão de sua alteridade. A assimilação do objeto nos remete ao momento (arcaico) da assimilação do outro na constituição do ser determinado, no qual o outro é suprimido em sua alteridade, e transformado ao que é próprio do sujeito.

Assim como o objeto do conceito é o próprio conceito (HEGEL, 2018, p. 261), o sujeito é objeto de si mesmo, como subjetividade mergulhada na objetividade e na exterioridade (HEGEL, 2018, p. 261 e 267), e distinto do eu. O eu é representação vazia de conceito, mas constitui superfície que impõe restrições às representações que acompanham o desenvolvimento do sujeito como conceito (HEGEL, 2018, p. 262). A configuração das representações que não se diferenciam dentro de si e que não fazem clivagem está fora do conceito. O eu, vértice do corpo das representações, é tomado como sujeito apenas na ilusão da lógica gramatical, figura idêntica a si frente na multiplicidade das representações, substância idêntica a si independentemente da exterioridade (HEGEL, 2018, p. 263). A atividade do eu no “eu penso” sustenta e justifica a totalidade das representações externas ao conceito. O eu atua como objeto (HEGEL, 2018, p. 264), o eu é pensado, e é tomado como objeto de si mesmo fora do conceito. As representações derivadas da relação do eu com o eu, objeto com o objeto, determinam circuitos autoreferenciados de reflexão, sem clivagem, sem vazio, fora do conceito.

### **3.2 O carecimento e o deserto do real**

Para Freud, no Projeto, *das Ding* se refere ao componente não assimilável da experiência primordial, arcaica, diante de um primeiro outro, que constitui seu outro absoluto e a totalidade de sua experiência de mundo (*Nebenmensch*). Para Freud, o substrato

de *das Ding* é a experiência do carecimento (*Bedürfnis*) e do desamparo que têm como fundamento a prematuridade biológica do sujeito humano. *Das Ding* é experimentado pelo sujeito como lugar vazio de representação deixado por essa experiência, que deixa, por efeito *Nachtäglich*, a ausência de um suposto objeto perdido. No Projeto, a noção de *das Ding* se relaciona à de *Not des Lebens*, a necessidade, a urgência de vida. Essa primeira experiência é estruturante no desenvolvimento do sujeito, por constituir o espaço vazio em torno do qual se estabelece o corpo de representações (FREUD, 2010c, p. 385-387)

O carecimento como substrato de *das Ding* é noção fundamental desde os primeiros escritos de Hegel, e se apresenta como entre a necessidade, a pulsão (*Triebe*) e desejo (*Begierde*). A descrição da rede de carecimentos em Hegel se aproxima da descrição da rede de pulsões em Freud, como múltiplos carecimentos organizados em uma rede ou mosaico que são refinados e retrabalhados (*durchschlungen*), inseparáveis em sua base. Na base do carecimento está a separação entre a percepção do objeto e sua representação, e no espaço entre ambos se localiza o início das formações do pensamento. O carecimento em Kant é apresentado como orientar-se num oceano sem bússola, numa noite da mais completa escuridão, sem mesmo a luz das estrelas.

A partir de uma concepção de sujeito distinta do eu, Nietzsche elaborou as bases para um estatuto de sujeito em suas obras, especialmente nos escritos póstumos. A metáfora do deserto é utilizada por Nietzsche na descrição da experiência do real. O autor afirma que o eu adquire consistência ao se reconhecer nos objetos que ele cria à sua própria imagem. Como superfícies especulares, esses objetos apresentam ao eu os próprios traços que o constituem. Segundo Nietzsche, a função do eu é modular a experiência do sujeito com o real, por criar, a partir de sua própria imagem, objetos autorreferenciados (NIETZSCHE, 2001b, p. 291). Na medida em que o eu se reconhece nos objetos, este consolida sua própria imagem. No deserto o sujeito não dispõe dos objetos como superfícies

reflexivas. Ao contrário, ele corre o risco de produzir miragens sobre a superfície vazia do deserto.

A produção do conceito é, portanto, determinada pelas figuras internas da representação. Segundo Nietzsche, os objetos não são necessários para a representação, porque esta toma por reais objetos imaginários (NIETZSCHE, 2010b, p. 832). Traços do sujeito participam da composição da representação do objeto (NIETZSCHE, 2010a, p. 455). O eu ganha consistência nas figuras autorreferenciadas que emergem na produção do conceito (NIETZSCHE, 2001b, p. 38 e 39). O eu tem função estruturante e estabilizadora na experiência do sujeito com o real. Sobre a página em branco do deserto, o sujeito se encontra diante de si, acompanhado pelo não saber como sua sobra, sem a reflexão dos objetos que indicam a ele o que ele é. Nessa página em branco do deserto outros conceitos podem emergir, descentrados do eu. O deserto sem objetos nos remete ao céu sem estrelas de Kant.

A ruptura entre aparência e essência está na base da produção de objetos autorreferenciados, em que o real da aparência é negligenciado por uma essência obscura a ser, ou produzida pelo pensamento. (NIETZSCHE, 2002, p. 72 e 73). Segundo Nietzsche, a produção de essência constitui a própria produção de conceito dissociada do real da aparência, por meio de um saber autorreferenciado, tomado como a verdade dos objetos. A partir da aparência, tomada como ilusória, implica numa construção de essência como ilusão necessária. O deserto impede o sujeito de ser ver refletido em seus objetos autorreferenciados, mas favorece a emergência das figuras imaginárias que sempre estiveram presentes na relação de objeto, participando da identidade entre a percepção e suas representações.

O deserto está dentro do sujeito, enquanto cada outro constitui para o sujeito um objeto, superfície reflexiva privilegiada para as formações imaginárias do eu. Como produto dessa relação com o outro é produzido um *semblant*, máscara que o sujeito exhibe ao outro e a si mesmo por reflexão no olhar do outro (CHAMANA &

VANDERMERSCH, 2007, p. 341 e 342). Segundo Nietzsche, o eu é o nada encoberto pelo que pode ser reconhecido pelo outro, a própria máscara (NIETZSCHE, 2010d, p. 656). Por meio do *semblant* o sujeito se vê refletido no outro.

### 3.3 *Das Ding* e a topologia do vazio

Freud introduz *das Ding* no Projeto, em referência ao objeto transcendental de Kant, no contexto da relação de objeto. *Das Ding* constitui o objeto real e inapreensível para além do fenômeno. Como parte fixa, vazia e constante do objeto, *das Ding* é o pressuposto necessário e termo que confere validade da representação. A apreensão dos objetos se dá segundo “condições formais de representação”, referidas ao sujeito, como restrições no sistema de inscrições, assim como a formação e encadeamento de representações. As condições formais de representação não alcançam *das Ding*. O estatuto da relação de objeto pressupõe *das Ding* como lugar vazio sob as representações desse objeto. *Das Ding* constitui a alteridade absoluta relativa ao sujeito, constituído pelo vazio e localizada no centro de sua estrutura. Freud coloca *das Ding* como centro de gravidade e ponto de convergência das representações do sujeito na relação de objeto. *Das Ding* está fora da significação, e constitui o silêncio do real, aquilo que não pode ser simbolizável e transposto em palavras (LACAN, 1996, p. 71). Irrepresentável e não simbolizável, *das Ding* não participa da produção do conceito.

Embora faça o ordenamento das representações de objeto feitas pelo sujeito, *das Ding* é exterior a cada uma dessas representações, que se organizam em torno desse vazio. Por se fundamentar na incongruência da percepção do objeto e sua representação, Freud atribui a *das Ding* lugar central na dialética da relação de objeto. Tal incongruência mobiliza cadeias de representações que, ao final de múltiplos trilhamentos, permitirão ao sujeito decidir pela identidade entre percepção e representação. A partir dessa incongruência, estabelece-se o efeito *unheimlich*, no

qual identidade e diferença emergem uma da outra. *Das Ding* é a intersecção vazia comum às múltiplas representações de objeto, elemento comum que possibilita a o “arco” do encadeamento dessas representações em progressão até decisão pela identidade com a percepção do objeto (FREUD, 2010c, p. 385-387).

*Das Ding* é incongruente com cada um dos objetos escolhidos pelo sujeito. A busca do (alucinatória) pelos objetos visa o reencontro desse objeto perdido e o preenchimento de *das Ding*. Entretanto, o espaço vazio se mantém na relação de objeto, e o que faz com que a busca do objeto seja relançada. *Das Ding* opera uma cartografia do desejo, que escolhe objetos reais numa relação essencialmente imaginária. A escolha do objeto é determinada pelos traços do sujeito, sempre incongruentes com o espaço vazio de *das Ding*.

Freud enfatiza o real inapreensível de *das Ding*, as produções imaginárias das alucinações e a produção de símbolo a partir do encadeamento das representações representadas (*Vorstellungrepräsentanz*) (LACAN, 1996, p. 38). O autor faz a contraposição das percepções dos objetos reais e as formações do inconsciente (LACAN, 1996, p. 35), e descreve um sistema compromissado com a produção de figuras imaginárias contendo apenas traços dos objetos reais (LACAN, 1996, p. 40). O sujeito constrói suas representações preenchendo, com elementos próprios, o espaço irrepresentável de *das Ding* no objeto, como eventos de síntese dos diferentes registros.

O vetor  $\phi \rightarrow \psi$  define a representação em  $\psi$  do objeto real percebido em  $\phi$ . Entretanto, as formações do sistema  $\psi$  emergem em  $\phi$  de forma alucinatória. Enquanto na vigília o vetor  $\phi \rightarrow \psi$  é mantido pela grande intensidade da aferência no sistema  $\phi$ , (LACAN, 1996, p. 41), durante o sonho ocorre inversão do sentido desse vetor, produzindo  $\psi \rightarrow \phi$ , no processo denominado por Freud de regressão. A invasão das formações inconscientes de  $\psi$  em  $\phi$  produz figuras alucinatórias. Tais figuras revelam o movimento das formações do sistema  $\psi$ . (LACAN, 1996, p. 42), e demonstram a precariedade da produção de realidade a partir da inscrição do real

(LACAN, 1996, p. 43). O sistema  $\phi$ , destinado à percepção dos objetos reais para a constituição da realidade do sujeito, produz uma segunda realidade por ação retrógrada de  $\psi$  (LACAN, 1996, p. 44). Pela alucinação o sujeito reencontra o objeto (LACAN, 1996, p. 46), num processo de produção de realidade (LACAN, 1996, p. 56), que pode ou não coincidir com o real. Por inscrever apenas traços da sua experiência com o real (LACAN, 1996, p. 63), o sujeito preenche as lacunas de representação de seus objetos.

Para Lacan, a realidade é construída a partir dos ecos das percepções e representações do produzidos no sujeito em sua experiência contingente e fragmentada do real (LACAN, 2010, p. 73 e 349). O eu é necessário ao sujeito na experiência do real, como superfície onde estão inscritas as impressões dos objetos e suas representações em seu devir. (LACAN, 2010, 349). O eu modula as inscrições em  $\psi$ , atenuando os efeitos das percepções em  $\phi$  sobre a sua estrutura (LACAN, 2010, p. 73-77), ao mesmo tempo que encobre a verdade da clivagem do sujeito (LACAN, 2010, p. 56, 79).

O eu constitui, para Lacan, a forma fundamental, imaginária, da produção dos objetos da representação. A sutura produzida pelo eu é o princípio de toda a unidade que o sujeito percebe em si quando se reconhece nos objetos (LACAN, 2010, p. 330). Segundo Lacan, o eu adquire consistência no reconhecimento de si nos objetos produzidos à sua própria imagem (LACAN, 2010, p. 79). A supressão da função do eu o sonho revela o real da estrutura fragmentada do sujeito, cujos traços podem ser identificados em elementos distintos da cena, como no lugar do outro.

## **Conclusão**

O outro está presente em todos os momentos do desenvolvimento do sujeito, e determina sua diferenciação. As impressões deixadas pelo outro na superfície do ser diferenciado desencadeia suas transformações topológicas e autoprodução de superfícies reflexivas como determinação de forma, que culminam

com a singularidade do sujeito como emergência de uma topologia como assinatura. Essa estrutura do conceito pressupõe a clivagem que revela o vazio do sujeito, que, por estrutura, não é passível de preenchimento pelo objeto.

Uma ontologia do sujeito estaria, em algum momento, distinta das representações do eu, no seu desenvolvimento como conceito. Ao enunciar a tarefa de “tornar-se a si mesmo”, Nietzsche afirma como pressuposto “não saber o que se é”, e aproxima a realização de si ao desconhecimento de si. O “tornar-se a si mesmo” pressupõe a destituição das figuras de identidade do eu, e a supressão do eu a favor de um devir, no qual o “tornar-se a si mesmo” constitui um “tornar-se outro” (NIETZSCHE, 2010c, p. 857), num processo imanente de uma identidade sempre reconstruída e fundamentada no devir.

Hegel nos convida a conceber o sujeito no próprio devir do movimento dialético, como identidade sempre distinta de si, ou do que sabe de si. Identidade fundamentada na diferença diante de si, a diferença do sujeito diante do espelho, que se reconhece como figura imaginária. A clivagem estrutural do sujeito, que se revela no sonho, quando as formações do inconsciente se impõem sobre o sistema das impressões do objeto remetem a um sujeito distinto das representações do eu. Esse outro clivado e fragmentado, que se revela para além da função unificadora do eu, apresenta seus traços dispersos na cena, mesmo no lugar do outro externo e distinto de si. O sonho revela essa outra realidade, segunda realidade para um real inapreensível, que se estabelece como espaço vazio que faz o ordenamento dos objetos do sujeito.

## Referências

BARBOSA, A.S. Determinação, constituição e limite na perspectiva dos sistemas complexos: a topologia como assinatura do sujeito biológico. In: Leituras da Lógica de Hegel. Editora Fi, 2017.

BARBOSA, A.S. Essência, aparecimento e autodeterminação em sistemas complexos: implicações de uma dialética reflexiva na autoprodução da forma. In: Leituras da Lógica de Hegel Volume 2 . Editora Fi, 2018.

CHAMANA, Roland. & VANDERMERSCH, Bernard. Dicionário de Psicanálise. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

FREUD, S. A psicologia dos processos oníricos. Obras Completas de Sigmund Freud Volume 5. Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos (1900-1901). Tradução e notas de Paulo César de Souza. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 564-573, 2010a

FREUD, S. O Inquietante. Obras Completas de Sigmund Freud Volume 15. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). Além do princípio do prazer e outros textos (1917- 1920). Tradução e notas de Paulo César de Souza. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 328-376, 2010b

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. Obras Completas de Sigmund Freud Volume 1. Publicações pé-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889). Tradução e notas de Paulo César de Souza. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 328-376, 2010c

HEGEL, G. W. F.. Ciência da lógica. Doutrina do ser. Tradução de Christian G. Iber, Marloren Miranda e Federico Orsini. 1.ed. Editora Vozes Petrópolis. Editora universitária São Francisco, Braganca Paulista, 2016

HEGEL, G. W. F.. Ciência da lógica. Doutrina do essência. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. 1.ed. Editora Vozes Petrópolis. Editora universitária São Francisco, Braganca Paulista, 2017

HEGEL, G. W. F.. Ciência da lógica. Doutrina do conceito. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. 1.ed. Editora Vozes Petrópolis. Editora universitária São Francisco, Braganca Paulista, 2018

HOULGATE, S. Determination, Constitution, and Limit. In: The opening of Hegel’s logic. From being to infinity: 1. ed. West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, p. 348-369, 2006

HOULGATE, S. Limitation and the Ought. In: The opening of Hegel’s logic. From being to infinity: 1. ed. West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, p. 370-393, 2006

- JERNE, N. K. Towards a network theory of the immune system. *Annals of Immunology*, n. 125C, p. 373-392, Jan., 1974
- LACAN, J. O Seminário, Livro I: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- LACAN, J. O Seminário, Livro II: O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, J. O Seminário, Livro VII: O A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- NIETZSCHE, F. O Caso Wagner/Nietzsche Contra Wagner. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NIETZSCHE, F. Fragmentos Póstumos. Volumen I (1869-1874). Tradução para o espanhol de Luis E. de Santiago Guervós. Tecnos, 2010a, 2ª ed.
- NIETZSCHE, F. Fragmentos Póstumos. Volumen II (1875-1882). Tradução para o espanhol de Luis E. de Santiago Guervós. Tecnos, 2010b, 2ª ed.
- NIETZSCHE, F. Fragmentos Póstumos. Volumen III (1882-1885). Tradução para o espanhol de Luis E. de Santiago Guervós. Tecnos, 2010c, 2ª ed.
- NIETZSCHE, F. Fragmentos Póstumos. Volumen IV (1885-1889). Tradução para o espanhol de Luis E. de Santiago Guervós. Tecnos, 2010d, 2ª ed.
- NIETZSCHE, F. Humano, Demasiado Humano. Um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b
- SILVERSTEIN, A. M. Darwinism and Immunology: from Metchnikoff to Burnet. *Nature Immunology*, n. 4, p.3-6, Jan., 2003
- TABAK, M. Determinate being. In: *The doctrine of being in Hegel's Science of Logic. A critical commentary: 1*. Ed. New York: Palgrave Macmillian, p. 51-100, 2017
- VARELA, F, J., COUTINHO, A. Second generation immune networks. *Immunology Today*, 12 (5), p.159-166, May., 1991